



TRANSCRIÇÃO ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

[00:00:00.00] CRÉDITOS

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Bom, eu primeiro queria agradecer você, Heidi, por eu estar aqui. E eu só estou aqui conversando, e falando de mim, é mais tranquilo pra mim, você já ouviu muito de mim, né? Você me conhece mais do que as outras pessoas, então a confiança que eu tenho em você é muito grande. Então a pessoa meio pra dentro, meio fechada que eu sou, aqui com você eu acho que não vai ser assim, eu acho que vai ser bom contar essa história, contar a minha história, contar a minha trajetória. Como eu conheci você inclusive.

Eu conheci você quando eu tava voltando da França. E quem me indicou você como analista foi a Suely Rolnik. Assim como eu tava fazendo mestrado na PUC com a Suely e ela falou se eu não queria ir pra *La Borde* e eu falei que eu tava com vontade de ir pra França fazer um estágio com a Maud Mannoni. Mas eu não sabia se daria certo ou não. Mas deu tudo certo, né? E ela falou: "Bom, aproveita e vai também um pouquinho pra *La Borde*, vou te dar uma carta e você leva pra mim pro Félix, Félix Guattari.

Por coincidência quando eu cheguei na França eu fui morar num *foyer* pra estudante, ao lado do *Palais de Luxembourg* e o Félix morava numa travessa daquela rua, então muito pertinho, né? A gente podia... Eu podia ir até a casa dele. E eu cheguei lá. Eu cheguei na França um dia depois de uma greve geral, então ainda era telefone de ficha e nem isso funcionava. Não tinha metrô, taxi, tava tudo muito confuso e eu desci na *Gare de Luxembourg*. Bom, mas... Eu ia pra casa de um conhecido, até pra poder passar dois dias lá, até ir pro *foyer*. Mas deu tudo certo.

Eu tinha a sensação quando eu cheguei na França... Eu tinha um sonho desde criança de conhecer a França e todos achavam meio absurdo, porque vindo de uma família pobre, como é que eu ia pra Europa, aquela coisa toda? Mas eu sempre guardei essa vontade.

E quando eu desembarquei, que cheguei na *Gare de Luxembourg*, eu fui de um avião do Brasil até a França que era uma piada, assim, ele fez cinco escalas



PSICANALISTAS QUE FALAM

antes de ir. Ele fez Recife-Espanha, mas saiu de São Paulo, foi pro Rio de Janeiro, não sei pra onde e foi pingando, até que de Recife foi pra Espanha e da Espanha eu peguei um trem pra ir até Paris, sem conhecer, sem nunca ter saído daqui, falando francês bem ainda acanhado. E foi muito interessante porque... Inclusive a maneira que eu aprendi francês foi muito interessante.

Eu aprendi na escola pública aqui, tinha francês e inglês. E eu, então, queria muito estudar na França e eu fui até a Aliança Francesa no Brasil, que era ali perto da [rua] General Jardim, no centro da cidade e perguntei se eles tinham lá bolsa de estudo. Eles disseram: "Olha, a gente costuma dar 20%, mas o aluno tem que fazer um teste pra ver se ele consegue". Aí eu fiz o teste e passei, com 20% de bolsa. Aí eu falei pra ela: "Olha, pena, mas não vai dar pra fazer o curso mesmo assim, ainda é muito caro pra mim, mas uma hora eu pretendo fazer, eu vou trabalhar e eu quero fazer". E aí tinha um senhor, assim, num arquivo antigo, daqueles arquivos ainda de ferro e ele falou pra mim, ele olhou pra mim e falou assim: "Eu vou fazer mais uma testagem com você, posso?". Eu falei: "Pode". Aí ele começou a falar francês comigo e eu respondia um pouco em francês e um pouco em português e ele falou pra mim, assim: "Se eu der pra você 80% de bolsa você faz francês aqui?". E eu falei: "Faço. Mas 80%? Aqui só dão 20%...". Ele falou: "Você tem 80% de bolsa". Aí eu fiz minha matrícula, cheguei em casa toda animada, meu pai ficou meio preocupado, mas falou: "Vamos, 80% você conseguiu muito".

Meses depois que eu estava lá na Aliança Francesa fazendo o curso que eu soube que ele era o diretor da Aliança Francesa no Brasil. E naquele final de ano eu ia então pra fazer estágio com a Maud, tava me preparando e estudando. E aí ele me convidou, eu tava indo no final do ano, saí daqui em outubro e ele falou pra mim: "Olha, quando você chegar... Você vai ficar em Paris, né?". Eu falei: "Vou". "Onde você vai passar o natal e o ano novo?". Eu falei: "Olha, eu não tenho com quem, eu vou passar no *foyer*, né, não conheço nem muita gente, só tenho um conhecido que vai me receber dois dias até eu chegar no *foyer*, depois não tenho". E ele falou: "Então você vem comigo, você vai passar o natal com a minha família em *Aix-en-Provence*. Você me liga, eu combino com você, explico pra você onde você vai tomar o trem pra *Aix* e você vem passar o natal com a minha família".

[00:05:11.15] E eu fui.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Foi muito interessante, porque quando a gente chegou em Aix, aí a gente começou a passear, ele a me mostrar o lugar, interior, então é bem diferente de Paris, né? Aí ele falou: "Vou te levar num convento, que é muito bonito aqui". Meu pintor favorito dos impressionistas sempre foi Van Gogh e aqui no Masp tem um quadro dele que é de uma fonte. E a gente começou a andar e quando chegamos era um convento meio escuro, assim, meio antigo. Quando a gente chegou numa clareira, assim, que tinha uma fonte eu fiquei olhando, olhando pra fonte assim, fiquei parada um pouco e ele falou pra mim: "Você tá reconhecendo esse lugar?". Eu falei: "Acho que sim, acho que eu já vi essa fonte em algum lugar". E ele falou: "Então, aqui ficou o Van Gogh internado, essa fonte é a fonte que tem no Masp". E eu tinha um livro de Van Gogh em casa, então eu conhecia todas as pinturas dele. E daí foi muito interessante isso, poder viver isso.

Eu passei o natal com aquela família, aquele ano. E aí o ano novo eu não fiquei, porque eu tinha tido um convite pra ficar em Paris, porque eu já tinha conhecido outras pessoas e eles me trouxeram até a estação e vim pra Paris, passei lá na estação, peguei o trem e vim pra Paris e passei o ano novo em Paris.

Só depois eu encontrei o Félix, que tava viajando, levei a carta pra ele, liguei pra ele, marquei um horário, fui lá levar. E ele era muito simpático, muito sorridente, muito querido, né? E aí ele olhou pra mim, aquele olho azul que ele tinha, aí ele olhou pra mim: "Olá, você é aluna da Suely?". E a gente começou a conversar e aí eu falei: "É, ela me falou e eu gostaria também de fazer um estágio na *La Borde*". E ele falou: "Vai, vai sim, vamos, eu vou te levar. Mas antes vamos fazer o seguinte, a gente ainda tem uns dias aqui em Paris antes de ir pra lá e eu tenho um congresso, um colóquio, que tá sendo preparado pelo Heitor Macedo, que é um analista brasileiro que vive em Paris, mora aqui e vai ser bem interessante. Vamos conversando esses dias, você não quer vir aqui em casa, vai ter uma reunião na 5a feira à noite...".

Eu fui. Era uma reunião de intelectuais, muita gente, cineastas, fotógrafos, pintores, gente da filosofia, gente que trabalhava com Foucault, muita gente... Eu fiquei, assim, encantada com aquele ambiente. Aquele ambiente era um ambiente que não existia pra mim.

Aí eu sentei, assim, tinha uma espécie de um pufe e ele sentou numa poltrona, a mulher dele que era muito bonita naquele momento também sentou



PSICANALISTAS QUE FALAM

logo ali ao lado dele... E as pessoas, as pessoas começaram a conversar, a falar sobre as questões... E eu me lembro que tinha sido lançado *Paris Texas* e fizemos uma discussão sobre aquele filme. Fizemos... Eu ouvindo, né? E ele olhava pra mim de vez em quando pra ver se tava tudo bem e meu olho parecia saltar de órbita, né? Porque eu vinha... Eu queria entender melhor o francês, ouvindo, fazendo um esforço.

E a partir daquele encontro ele me convidou algumas vezes pra ir almoçar com eles ou pra jantar e a gente começou a conversar. E ele falou: "Vou levar você sim pra *La Borde*".

E aí umas duas semanas depois ele falou assim: "Olha, eu vou pra Itália que eu tenho um encontro lá – acho que o pessoal do Basaglia – e você vai no meu lugar nesse colóquio". Que era: "Os psicanalistas sobre o terror" – *Les psychanalistes sur la terreur*. Eu falei: "Mas eu vou...?". Pensei: "vou assistir, né?". Aí ele falou pra mim: "Não, você não vai assistir, você vai apresentar um trabalho".

[00:10:07] Aquilo me deu um ataque de pânico, literalmente, na hora. "Não, mas eu não falo francês". Ele falou: "Não tem importância, vai ter gente pra traduzir você, seu francês não é bom então vai ter gente pra traduzir você". Eu falei: "Mas o que eu vou falar?". Ele falou: "Que tal você falar de você? Da sua negritude? Vamos falar da sua negritude!". Daí eu fiquei indo lá à tarde com ele e sentei lá e: "Vamos falar, e escreve o que você sente, escreve como que é, conta um pouco da sua vida em São Paulo, como é que é, como é que vivem os negros, o que é que você acha, o que é que você pensa em política"...

E aí: "Tá". Eu peguei, escrevi alguma coisa no papel e lá fui eu.

E ele falou pra mim: "Quando você chegar lá na *Maison de l'Amérique Latine* onde vai ser o evento, você entrega o papel pra uma pessoa que vai estar na porta, você entrega esse envelope pra ela.

Eu cheguei na porta e a pessoa me reconheceu, que acho que ele deve ter descrito, né? "Ela é uma pessoa negra, uma menina negra"... E aí eu falei: "Olha, o Félix mandou esse papel pra você, esse envelope pra você". Ele pegou o envelope, abriu, leu e aí, a partir daquele momento, parecia uma coisa meio amalucada, assim, eu comecei a ser tratada com uma deferência incrível: "Aqui é



PSICANALISTAS QUE FALAM

o seu lugar, senta aqui conosco, aqui, vamos lá". Me apresentou a várias pessoas que eu não conhecia, algumas pessoas eu conhecia de nome...

O congresso tinha a Radmila [Zigouris], Pierre Delaunay, Michel Guibal, Fraçoise Dolto, Marilena Chauí, Hélio Garcia, que eram analistas conhecidos... O Wilson de Lira Chebab que era o presidente da Sociedade de Psicanálise do Rio. Tinham todas as estrelas da psicanálise. O Marcelo Viñar que era que... Um monte de gente, que depois eu fui conhecendo melhor, né?

E as pessoas que não sabiam de onde eu saí, né? "Quem era aquela pessoa?". Eu cheguei simples, com a minha roupinha assim que eu nem sabia que ia pra um lugar sofisticado, pra eu ir pra França...

Eu não tinha casaco de inverno, um amigo me emprestou – porque eu ia numa época que ia fazer muito frio – ele me emprestou um casaco que tinha sido do pai dele, que ele amava muito, era um mantô assim comprido, era o que eu tinha como casaco de inverno. E uma bota quentinha. Era tudo que eu tinha. Único sapato que eu tinha e eu fui com aquele sapato naquele lugar, porque não tinha outro, tava frio, inclusive.

E lá fui eu. Aí foi muito interessante, porque o colóquio ele foi acontecendo e num dado momento eu... As pessoas... Os brasileiros não chegavam perto de mim, porque eu era apresentada como uma brasileira: "Ela é brasileira, não sei o que e tal". Mas ninguém ousava nem perguntar de onde eu tinha saído. Quer dizer, quando eu comecei a falar é que eles perguntaram.

E o Wilson de Lira Chebab tinha levado também um tema falando sobre negritude e a fala dele foi depois da minha. E ele me interpelou, ele falou e senti um grande apoio do Chebab. E aí, quando eu terminei de falar, claro que os intelectuais brasileiros que estavam lá, a Marilena Chauí e outros, tinha um historiador que eu esqueci agora o nome dele... Que ele era historiador e trabalhou no PT por muitos anos, não consigo agora me lembrar, se eu me lembrar eu falo... E ele... Todo mundo perguntava: "Mas de onde você veio? Quem é você? O que que você faz?". Olha: "Eu sou uma estudante, eu quero estudar psicanálise, eu vim pra cá porque eu quero estudar psicanálise". "De onde você conhece o Félix Guattari? Porque me disseram que você é uma convidada do Guattari...". Aí eu falei: "Através da Suely Rolnik, eu conheci ele agora e tal...".



PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas quando eu falei, aconteceu uma coisa muito interessante, porque os analistas franceses se levantaram, eles estavam de um lado, os analistas franceses, e do outro lado os latino-americanos, os argentinos... E eles se levantaram e a Radmila falou... E a Françoise Dolto se levantou e falou: "Olha, o seu tema, o que você traz é muito interessante, muito necessário, a psicanálise lhe deve isso, a gente nunca pensou isso analiticamente. Você vai estudar, você vai se dedicar a isso muito provavelmente, mas a psicanálise e os psicanalistas devem isso a você, pensar essa questão. Essa questão nunca foi posta pra nós. Nunca foi pensada ou estudada".

[00:15:10] E a Radmila levantou e falou: "A gente queria convidar você pra jantar depois do colóquio". No meio do colóquio, as pessoas falando, debatendo... "E a gente queria convidar você". Aí eu topei, né? Saí com eles e foi muito interessante porque eles queriam me conhecer, quem eu era, o que que eu tava fazendo, o que eu queria fazer...

E já naquela noite a Radmila me convidou, ela falou: "Você tá morando onde?". Eu falei: "Eu tô morando no *foyer* pra estudante". "Você não quer vir morar na minha casa? Meu filho tá na África, o quarto dele tá vazio e você pode ficar, enquanto ele não voltar, você fica lá comigo. A gente vai apresentar os *Ateliers* pra você, que é uma escola de psicanálise".

E ela conhecia todo mundo, né? Maud, todas as pessoas ela conhecia, já era uma pessoa conhecida, há 20, 30 anos atrás ela já era bem conhecida na França.

E aí assim eu fui. Aquela noite foi muito interessante, me levaram pra ver o hotel que o Freud tinha ficado, fui jantar em restaurante chiquérrimo e eles gostaram muito de mim e eu deles também, né? A partir daquele momento eu fiz amizade com eles.

No dia seguinte eu fui morar com a Radmila e ali começa a minha formação, eu acho. Porque ali eu fiz uma escola peripatética de psicanálise, eu acho. Porque ali ou eu ficava com o Félix, às 5as feiras à noite tinha essa reunião na casa dele e de outros psicanalistas, filósofos e outros intelectuais. E também com a Radmila eu ia pros *Ateliers de Psychanalyse*, daí eu comecei a frequentar os *Ateliers de Psychanalyse* e estudar teoricamente. Eu estudava com ela. Os amigos iam



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

sempre: Alice Charquiet (?), Michel Guibal, Octave Mannoni ia de vez em quando na casa dela... Pra conversar com ela... Então eu pude conviver e sentir e respirar psicanálise dentro de casa.

Então eu conversava muito com ela, lia... Uma coisa preciosa que eu acho que um pouco começou com a Suely aqui, porque a Suely dizia que era importante a gente fazer filosofia, ler filosofia, então a gente fez vários grupos de estudo de filosofia, só com... Depois, quando eu voltei, eu fiz só com o Luiz Alfredo Garcia-Roza, nós fizemos 15 anos seguidos, fiz com o Monzani, depois eu fui pra Unicamp e fiz também com o Bento Prado, um pouco de tempo com o Bento Prado...

Eu me interessei pela filosofia e filosofia realmente fez muita diferença na minha vida e nesse entender e estudar da psicanálise.

Então a psicanálise chegou assim na minha vida.

É muito interessante recordar isso, como a psicanálise foi chegando pra mim.

E esse tema negritude, essa questão da negritude sempre me atravessou, né? Quando eu voltei da França eu comecei a fazer análise com você e aí eu comecei a pensar mais profundamente. Aí eu já tinha defendido meu mestrado, feito a dissertação de mestrado. Depois entrei pro doutorado, né?

E mantive sempre esse contato com a França, com Radmila... De vez em quando ia pra lá, ela muitas vezes pagou minha passagem pra ir, pra estudar, pra fazer supervisão, estar com ela, né? Esse contato sempre aconteceu.

Eu me lembro de uma vez que ela veio pro Brasil e ela... Me veio à cabeça essa lembrança, não sei se virá pra você também. Nós saímos ali da Editora Escuta, ali onde eles tinham a casa, e a Radmila fez lá uma semana de estudos de psicanálise e tal, nós saímos e era noite e nós entramos numa lanchonete pra tomar alguma coisa e você tava lá, não sei se você lembra disso, desse encontro, e agora me veio essa lembrança, imagina, quantos anos isso! (riso) E você tava dentro da lanchonete. E foi muito interessante que você me visse com ela. E eu falei pra Radmila: "Essa é minha analista". E ela falou: "Ah, sua analista, a essa hora aqui da noite!". Já era tarde da noite. E ela falou: "Interessante". Quer dizer, acho



que você também tinha ido ouvir a fala dela também na Escuta, era pertinho, né? A gente andou um pouquinho...

Então, a Radmila foi sempre alguém na minha vida, permanentemente, sempre que vinha pro Brasil ficava na minha casa e tal. E a gente sempre teve esse vínculo e temos esse vínculo pessoal. Eu continuo aprendendo com ela, quando ligo pra ela, a gente fala... Com a pandemia não voltei mais pra França, mas a cada dois anos pelo menos ou ela vinha ou eu ia. E meu vínculo com os *Ateliers* também sempre permaneceu através dela.

[00:20:20] E foi assim: logo que eu cheguei eu comecei a fazer análise com você, eu também comecei a trabalhar no consultório. E a minha clínica sempre foi uma clínica bem movimentada, sempre trabalhei bastante. Atendo de 14 a 15 horas por dia. E sempre quis estudar e continuo estudando.

Sempre pensei que a dificuldade pros negros fazerem formação no Brasil em psicanálise é uma coisa que era muito difícil, então eu convidava alguns que eu conhecia, o Grupo AMMA logo me procurou e eles trabalhavam muito em cima da minha tese do doutorado e eu dava e dou supervisão para os psicanalistas negros sem cobrar nenhum tostão, porque eu acho caro pra eles. Eu sei. Eu tive a sorte de fazer uma excelente formação.

Eu fico pensando que se eu tivesse dinheiro, se eu teria feito a formação que eu fiz. Mesmo que eu tivesse muito dinheiro. Talvez não. Pude ficar na *La Borde*; pude ficar na *Maison Verte* um pouquinho, com a Françoise Dolto; pude ficar em *Bonneuil* com a Maud Mannoni; quer dizer, são pessoas que circularam pela minha vida e que foram importantes pra mim, com quem eu aprendi muito.

E quando eu cheguei aqui, obviamente, essa ideia me atravessava sempre, né?

Eu quero dividir com as pessoas aquilo que eu aprendi, mas principalmente com os psicólogos negros, que não têm muita condição de fazer a psicanálise. Porque se eu tivesse no Brasil, mesmo gostando muito de psicanálise e lendo Freud por conta própria, já depois de ter saído da faculdade, eu sabia que a minha formação em psicanálise seria muito difícil.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Eu almejava ir pro Sedes, porque eu sabia que o Sedes talvez economicamente pudesse ser mais viável pra mim, mas como aconteceu tudo isso na minha vida, fiquei muito tempo lá na França, fiquei quatro anos, então deu pra fazer por lá essa formação, que pra mim foi muito preciosa.

Mas eu sempre tive essa disposição, né? A minha clínica não é uma clínica que se compõe só de analisandos negros, pelo contrário.

No começo era uma coisa muito interessante porque eu atendia... Meus analisandos era a grande maioria de brancos, não negros. Os negros tinham muita desconfiança de mim, e os brancos confiavam no que eles sentiam que era a minha formação. Era muito interessante, eles chegavam pra mim por indicação no consultório e vinham com meu currículo na mão: "Você estudou na França, você fez doutorado na USP...". E vinham meio que pra confirmar esse currículo.

Mas pra mim foi muito bom porque assim eu fiz a minha vida como psicanalista. Eu vivo e sobrevivo só disso, nunca trabalhei com nenhuma outra coisa.

A clínica foi crescendo, crescendo, crescendo. Oito meses depois que eu tinha voltado para o Brasil eu já estava em análise com você, que a Suely falou: "Seria bom que você começasse uma análise". Eu comecei a atender e oito meses depois, e eu atendo hoje o mesmo número de pessoas que eu atendia lá, naquele momento que eu comecei. A clínica foi crescendo, crescendo, crescendo.

Eu comecei atendendo criança também, adolescente e adulto, que era um grande espanto pras pessoas, mas eu aprendi muito com a Françoise Dolto que ela dizia: "Um analista que atende criança atende bem um adulto. É mais difícil atender criança do que adulto", ela dizia.

Uma vez ela falou pra mim... Eu falei: "Eu não sei como que vai ser quando eu voltar pro Brasil, como que eu vou fazer a minha clínica, como que eu vou me instalar como psicanalista". E ela falou pra mim: "Não se preocupa com isso, uma clínica se faz de *bouche à oreille* – de boca a boca. Nunca coloque uma placa no seu consultório". E a Radmila também dizia uma coisa muito parecida pra mim. A Radmila é muito importante na minha vida até hoje. Muito, muito. Uma pessoa muito importante pra mim.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então esse caminho da psicanálise começou por aí.

E essa questão da negritude não saía de mim, pelo contrário. Eu queria cada vez mais entender como funcionava analiticamente pra um negro. Como é que a psicanálise nos veria. Como seria nos ver à luz da psicanálise, pessoalmente entender todos os mecanismos psíquicos que se daria em função do racismo.

[00:25:10] E foi um momento pra mim de grande conflito comigo mesma, porque escrever sobre isso e à luz da psicanálise demandava que eu olhasse muito pra mim mesma, que eu fizesse primeiro um mergulho muito profundo em mim, né? Pra poder ter lembranças da infância, como foi, como era... O meu contato com... Quando é que eu pela primeira vez me lembro de um episódio de racismo, ainda criança brincando, e como eu me senti naquele momento, eu diria, uma lembrança muito clara, acho que tiveram outros antes disso, mas uma lembrança muito clara foi quando eu tava brincando na rua com meus amiguinhos da rua - naquela época podia-se brincar na rua em São Paulo - e um amiguinho me disse: "O seu cabelo é pixaim e você é preta". Eu fiquei meio chocada com aquilo e voltei pra casa chorando e minha vó me pegou no colo e falou: "Por que você tá chorando?". Eu falei: "Olha, eu tô chorando porque a vizinha falou isso, aquilo e aquilo outro". E ela falou assim: "Ué, e não é? Você é preta, que nem eu, você é que nem eu, eu tranço seu cabelo, seu cabelo é lindo, eu ponho fitas bonitas, eu amo você, você é minha. Você é minha. Você é preta como eu, você é minha". Aquilo me aqueceu naquele momento, muito fortemente, eu tenho essa lembrança forte, de levar aquele abraço e de estar num colo. Porque o desamparo que eu senti naquele momento foi muito grande, como se eu não pudesse estar mais ali e brincar com aquelas crianças, aquele lugar não me pertencesse mais.

Mas depois essa lembrança me vinha muito à cabeça, principalmente quando eu comecei a pensar em escrever e eu pensei: "Mas pra além daquela fala naquele momento - que eu já devia ter ouvido, meus primos também, outras crianças que brincavam na rua - aquilo me calou como uma coisa muito pesada, muito forte, muito dolorida. Eu fiquei pensando: "Eu acho que essa sensação devia estar antes, muito antes daquele momento". Eu acho que essa dor do racismo ela é anterior à minha consciência de que havia uma diferença entre as crianças e naquele momento eu não entendia essa diferença ainda como uma questão que atravessava uma cultura, um povo, uma história.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas aí eu comecei a me olhar, a pensar nisso, e eu fiquei pensando: "O racismo nos atravessa muito antes da gente nascer. Não é no momento em que a gente cria alguma consciência a cerca do que vem a ser o racismo em si. E a sensação que eu tive naquele momento, por aquela criança dizendo aquilo pra mim, foi como se ela quisesse que eu existisse mais e me eliminasse mesmo, dali, daquela brincadeira, daquele momento. Foi assim que eu senti naquele momento.

E aí eu comecei a pensar que o racismo, diferentemente da discriminação ou do preconceito – e aí já adulta, num outro momento que eu resolvo fazer o doutorado... Porque até então eu tinha até essa confusão na minha cabeça: racismo, preconceito e discriminação eram sinônimos praticamente, era como se estivesse falando das mesmas coisas. Mas aí eu comecei a pensar e eu falei: "Não, não é a mesma coisa".

A crueldade do racismo tá na desconstrução do outro. Você deixa de ser quem você é. Você é desmontado. E o racismo, pra começar ele tem uma falsa pretensão de estar montado numa concepção científica, na biologia.

A biologia se valeu muito... A biologia não, o racismo se valeu muito da biologia pra falar dessa diferença entre os povos, entre as culturas, uma diferença cultural, étnica. E ali eu comecei a pensar e entendi esse desmonte.

O racismo é violento, a violência do racismo tá onde? Tá nessa desconstrução: de repente você não é você.

[00:30:00] De repente você.... E eu comecei a sentir como é que eu vivia então, né?

Eu me lembro de uma ocasião que eu fui... Eu tinha mudado de consultório e fui comprar umas poltronas pro meu consultório ali na Teodoro Sampaio, que é uma loja de muitos móveis, nessa rua. E eu entrei numa loja e tinha um casal comprando... É uma loja enorme! E tinha um casal comprando e a bolsa estava num sofá e eu fui andando na loja e olhando e à medida que eu fui me aproximando o marido, devia ser o marido daquela senhora, cutucou ela e ela pegou a bolsa e abraçou a bolsa e o vendedor virou pra mim e falou: "O que a senhora quer aqui?".



PSICANALISTAS QUE FALAM

Naquele momento eu não era a psicanalista, eu não era a Isildinha, eu não era ninguém. Naquele momento eu não era nada, eu era uma assaltante, mas não uma pessoa.

Na PUC, na USP, ou entre os psicanalistas mais conhecidos, as pessoas que me conheciam, eles sabiam quem eu era. Então ali eu era ou a professora doutora, ou a psicanalista.

Mas naquele momento eu não era nada, eu não era ninguém. Não tinha sequer um nome, uma identidade, eu era só um corpo identificado como um bandido, né?

E essas coisas começaram a vir à minha cabeça, né? Assim, diferentemente da discriminação, que segrega... A discriminação está muito associada à segregação: o bairro dos pobres... Eu moro num bairro de ricos, eu moro nas Perdizes, desde que eu vim da França eu moro ali naquele bairro e eu era a única negra circulando. No meu prédio ainda sou a única negra e no bairro eu era a única negra que circulava. Na padaria, por ali, não tinha, não tinha negros. Hoje, de vez em quando, eu vejo um negro ou outro, mas naquele tempo não tinha mesmo.

E aí eu entendi que o preconceito, por exemplo, eu comecei a pensar: "Eu também sou uma pessoa preconceituosa, eu tenho alguns preconceitos".

Aí eu comecei a entender o preconceito como uma questão humana. O preconceito é parte do ser humano, sempre nós vamos defender nossas ideias, o que nós queremos, ou o que nós acreditamos, em detrimento das ideias do outro e isto é próprio do ser humano. E eu sou uma pessoa de esquerda e obviamente eu tenho preconceito contra as pessoas de direita. É muito difícil pra eu aceitar isso.

Hoje eu penso que é importante conviver com a diferença. Eles vão existir, eles não vão deixar de existir, a questão é como eu me coloco, como eu vivo, e quais são as minhas lutas políticas em função daquilo que eu creio e acredito.

Mas antes eu tinha um enorme preconceito de até falar, de me dirigir a uma pessoa de direita. E em tempos tão difíceis como esses em que nós vivemos, de bolsonarismo, que é um tempo horroroso, horroroso assim!



PSICANALISTAS QUE FALAM

Quando o Bolsonaro ganhou eu fiquei deprimida, muito deprimida, eu tinha a sensação... Eu acordava de manhã e dizia de manhã: "O que esse homem fez agora? O que ele terminou? O que ele desmontou? O que ele desconstruiu?".

Depois de ter vindo de um tempo de Lula e também de ter passado pela pressão de ver o golpe em relação à Dilma... Também aquele dia eu não vou esquecer jamais, assim, foi um golpe em todos os sentidos... Pra mim e eu acho que pra todos nós. Foi um golpe horroroso, baixo.

E daí começa a aparecer o Bolsonaro. Eu ainda tenho essa dificuldade muito grande. Mas eu sinto que isso é um preconceito, são ideias pré-concebidas minhas a cerca da política, do que eu penso, de como eu penso as pessoas que são de direita ou as pessoas que são de esquerda, como eu, que são muito mais próximas e muito mais caras a mim.

Agora eu entendo que a discriminação ela segrega, ela tem a ver com segregação. Tem os bolsões de pobreza, as pessoas negras são colocadas na periferia, elas são discriminadas e colocadas lá. Agora, o racismo, a atitude racista, o racismo é isso que desconstrói, é isso que mata, é isso que elimina, né? É isso que descaracteriza.

Eu me lembro que quando eu tava estudando pra fazer o doutorado, eu li um livro que chamava "A curva dos sinos" – não sei se você se lembra desse livro, Heidi?

[00:35:00] Infelizmente ele foi escrito por dois cientistas americanos que pensavam os asiáticos e os negros como seres quase humanos e não humanos, né? Eles diziam que os negros tinham os dentes como o dos macacos, que tinham um dedo a mais nas mãos. É uma coisa horrível, né? Era uma tentativa, de uma certa forma, de escrever sobre raça e as diferenças e, obviamente, provar a inferioridade de uma raça sob a outra. Os asiáticos eram inferiores aos caucasianos e assim por diante... E curiosamente foi um livro escrito por dois judeus. Naquele momento eu me senti chocada, Mas eu entendi também, que, assim como tem negros que não se aceitam ou que imaginariamente se veem brancos e são racistas. Como a gente vê o Sérgio Camargo na Fundação Palmares hoje, eu me pergunto de que lugar que ele fala? Ele fala do lugar de um branco fascista, racista, homofóbico...



PSICANALISTAS QUE FALAM

E, curiosamente, é uma pessoa que fez parte da minha infância, o Sérgio Camargo, principalmente a mãe dele, que era super amiga da minha tia, muito amiga mesmo, ainda não faz muitos anos isso, a mãe dele morreu faz uns quatro, cinco anos mais ou menos... Ou seis anos. E minha tia, muito católica e minha vó que faleceu tem uns quatro anos também, morreu com 116 anos, lúcida, muito católica, e todos os anos no aniversário dela fazíamos uma romaria até Aparecida do Norte e a mãe dele ia junto nessa romaria. Os irmãos dele foram amigos dos meus primos. Ele tem onze irmãos, são onze filhos, porque o Sr. Oswaldo Camargo casou duas vezes. Então ele se separou da mãe do Sérgio e com a mãe do Sérgio teve cinco filhos e com a outra senhora que hoje é a mulher dele teve mais seis filhos.

Então a minha família conviveu com essa pessoa e a gente olha pra ele incrédulo. Tudo bem que ele foi sempre diferente da turma, os meninos diziam isso. Mas a gente olha incrédulo pra tudo que ele falou, que ele fala e que ele faz, por ele ter se associado ao Bolsonaro. Foi também um golpe pra gente, digamos assim. Minha tia fala: "Ainda bem que a Dona Eunice morreu antes de ver o que filho dela está fazendo". A gente percebeu que pro Sr. Oswaldo foi um golpe horrível. Ele, um militante histórico, com livros e tudo, ver o filho, a mãe também militante do movimento negro, ver um filho bolsonarista... Nazifascista. Então uma coisa que nos doeu também muito.

Mas, assim como existe ele, existem outros, entre os judeus, entre os brancos, enfim, aqueles que negam, aqueles que têm um pensamento mais à direita e violento, né?

Mas o racismo está no cerne dessa violência, dessa desconstrução do outro, desse desmerecimento. E até hoje é assim. Isso não mudou.

Eu acho que eu, com a minha análise, com as minhas reflexões, eu sou menos vulnerável a sofrer com a história de que eu sou uma num lugar e outra em outro.

Quando eu saio na rua eu não sou ninguém, eu não sou a psicanalista, Isildinha Nogueira, eu não sou... Na PUC as pessoas me conhecem, na USP ou em vários lugares... Mas quando eu tô na rua eu não sou ninguém, eu sempre penso que eu preciso me proteger, assim, essa violência que pode vir física ou psíquica,



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

a qualquer momento, ela permanece. Eu já não me apavoro com ela, mas ela já trouxe grande sofrimento.

É sempre essa necessidade de provar quem eu era, se eu tinha escolaridade ou não, que só de falar pode ser que o outro não acredite, isso ainda acontece, vai acontecer. E comigo aconteceu “n” vezes.

Quando eu pude estar melhor economicamente eu comprei um carro, meu primeiro carro zero, e fui pra praia encontrar minha família. E o guarda me parou e eu falei: "Nossa, acho que eu tô acima da velocidade". Ele parou, pediu os documentos, rodeou o carro, olhava, olhava, olhava e aí de repente ele tava com os meus documentos, o carro no meu nome, a minha carteira de motorista com foto e ele falou: "Esse carro é da senhora?".

[00:40:10] Na hora eu levei um choque e falei: "Olha, o nome do documento e o registro do carro têm o mesmo nome". Mas eu caí em mim também. Me deu um acesso de raiva naquele momento. E eu falei: "Você sabe qual é o seu problema? O senhor tá me perguntando de onde eu tirei dinheiro pra comprar esse carro. Eu sou uma mulher negra, né? Não deveria ter dinheiro pra comprar esse carro, não é?". Ele ficou furioso, eu fiquei apavorada, porque eu falei: "Agora eu vou levar uma multa ou esse homem vai me atirar aqui e ninguém vai saber o que aconteceu comigo". E ele virou pra mim, assim, vermelho e falou: "A senhora está fazendo um desacato à autoridade". E eu falei: "Não, eu só tô falando pro senhor o que eu tô pensando, porque eu acho que é isso mesmo que o senhor tá pensando". Ele jogou o documento no carro e falou: "Vai embora". E eu falei: "Agora eu vou ter uma multa estrondosa". Não tive multa nenhuma, nunca chegou a tal da multa. Mas aquele momento eu, de novo, eu me senti furiosa porque é isso: Você não é ninguém. Você não é ninguém se você tá na rua, ou trafegando. Se você tá na rua, ou trafegando. "Quem é você? Você tem dinheiro? Você não tem dinheiro? O que que você faz? O que você deixa de fazer?". Então acho que isso que é difícil no racismo.

Quando eu comecei a escrever a tese foi nessas coisas todas, nesse mergulho profundo em mim mesma que eu comecei a pensar. A pensar nessa gênese da formação do inconsciente, como seria essa formação psicológica do negro, de como ele nasceria. E eu entendi que a gente já nasce nesse lugar. Já nasce de uma mãe e de um pai que desejam a brancura e nós não



PSICANALISTAS QUE FALAM

correspondemos a isso. Eu acho que o corpo do bebê é tão negro quanto eles e, de repente, também é uma frustração. Não que eles não nos amassem, mas nós não correspondemos a esse desejo, né? A criança negra não corresponde a esse desejo. E acho que começa aí, porque o desejo de toda criança é ser branca, o desejo de todo adulto negro é poder se livrar desse corpo negro que cerceia e que elimina, que mata.

A gente vê acontecer a olhos vistos: a polícia mata os adolescentes negros, as mães negras – eu vi isso acontecer na minha casa – quando a gente ia pra balada, ia dançar – naquela época não se falava "balada, mas a gente ia nas Barras Fundas dançar, que tinha São Paulo Chique, que era um salão dos negros e a gente ia dançar samba rock, eu via a aflição da minha vó e da minha mãe, das minhas tias, porque a gente ia voltar de madrugada e o que que poderia acontecer com a gente? Ninguém dormia, só dormia quando a gente chegava em casa. Então, às vezes, falavam: "Ai, essa semana não vai". Porque eles estavam cansados de passar medo, né? E pra gente, que era jovem, isso não vinha.

Hoje eu entendo isso perfeitamente. Tá muito claro.

Os adolescentes negros são humilhados, quando não são mortos, espancados. E é isso. Porque esse olhar sempre nos coloca nesse lugar, nesse não lugar, digamos assim. A gente não tem lugar nenhum pra polícia, a gente não tem lugar nenhum pras pessoas. Não de maneira geral, porque aqui eu tenho um lugar, a Heidi me conhece, as pessoas que estão aqui também, me respeitam ou sabem quem eu sou como pessoa, mas na rua não.

Então foi assim que eu fiz esse trabalho, foi com esse pensamento, foi com esse mergulho em mim mesma, foi entendendo um pouco a melancolia que os negros trazem no seu olhar, e ao mesmo tempo a alegria.

Os negros sempre foram muito alegres, brincalhões, gostam de samba, de dança... Uma feijoada em casa é uma grande festa.

E principalmente no carnaval a gente ganha um lugar. Então por isso os negros gostam tanto do carnaval! Mas fora do carnaval não. Numa sociedade como a nossa, classista, racista, é difícil, né?



PSICANALISTAS QUE FALAM

Hoje eu fico um pouco, assim, pensando, eu fico um pouco espantada, assim, o grau de requisição que eu tenho pra falar sobre essa questão, pra estudar com as pessoas sobre a negritude, sobre esse olhar psicanalítico para essa condição. E às vezes me assusta um pouco como as pessoas querem saber.

Mas falando com você um pouquinho antes, antes desse encontro, que a gente tava falando: acho que é necessário falar, então eu me animo.

[00:45:18] Às vezes eu quero desistir, às vezes me irrita também, porque às vezes eu vejo que há uma confusão entre clínica e militância, por exemplo. Eu fico um pouco irritada com isso. Eu tenho essa herança, de querer estudar, eu sou muito obsessiva pra estudar, então eu acho que é importante ler, é importante a teoria. E às vezes eu me deparo com alguns pensamentos mais voltados pra militância que acha que nós temos que ser práticos. A militância é o lugar da atuação. Eu respeito a militância, a militância é muito importante. Talvez se não fosse a militância eu não estaria aqui sentada conversando com você, falando. A militância trouxe muitas... Foi responsável por políticas públicas, por coisas que nós conseguimos politicamente falando, acesso, né?

Mas muito nos falta, a gente ainda não tem acesso suficiente. Agora recente me veio à cabeça um convite que eu aceitei, apesar de estar atolada de trabalho, mas pra trabalhar com os alunos que são cotistas na USP, os negros, porque tivemos vários suicídios. Então o pessoal da psicologia e um coletivo que é também formado por várias das faculdades dentro da USP pra gente poder entender e pensar melhor no acolhimento desses alunos, que chegam ali numa realidade totalmente diferente da sua e gostam de estudar, querem estudar, mas se veem muito isolados dentro da USP e a grande maioria acaba se suicidando, ali dentro da USP mesmo, que é uma tristeza. Então eu vou sentar junto, trabalhar e ver como que a gente pode pensar isso.

Mas eu bem sei o que eles sentem, porque quando a gente... A gente não tem as mesmas condições dos alunos da USP em geral: que todo mundo fala uma outra língua, todo mundo vai viajar pra Europa nas férias, todo mundo veio de boas escolas, roupas boas, carro, etc, etc e tal. E quando a gente chega ali a gente é muito diferente, sem condições, a gente vai de ônibus, vai de trem, vai a pé, vai como pode. Não leu tudo aquilo que eles já leram... Então a gente se sente muito aquém.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E correr atrás de tudo isso, às vezes morando ali no CRUSP, muitos vão morar no CRUSP e são isolados. Mas eles se sentem isolados, não tem um acolhimento.

Eu acho que ninguém sabe direito como lidar com isso. Nem os professores, nem os outros alunos. Eles se sentem isolados, impotentes e acaba que não conseguem falar das suas deficiências e dificuldades, porque poderiam...

Ao contrário, eu acho que eu tive quem olhasse pra mim e quem quisesse me incluir, eu acho.

Quando eu cheguei na França eu tive essa sensação. Ali eu fui incluída, eu era uma pessoa querida por aquelas pessoas. E eu os queria muito bem. Mas houve um movimento de me incluir, em todos os sentidos: "Senta aqui, vamos estudar, leia isso, faz isso, vamos lá, vamos em tal lugar, tem um congresso ali, tem um movimento ali, tem um colóquio lá, vamos fazer".

Quer dizer, eu era incluída, não como se eu fosse um bichinho de estimação diferente de todos eles, mas me sentia como uma estudante de psicanálise e como alguém que tava ali pra aprender junto etc e tal.

Então foi muito diferente, né? Eu cheguei numa elite da psicanálise, digamos assim. Mas uma elite que me incluiu, eles poderiam não me incluir, já eram todos conhecidos, todos famosos. Mas todos de uma maneira muito querida.

Eu me lembro do diretor clínico da *La Borde*, Jean Oury, do encantamento dele comigo, depois eu com ele. Porque ele tava dando uma supervisão e tinha uma janela e eu nunca tinha visto a neve e começou a cair a neve e eu fiquei olhando pra neve com um encantamento tão grande e me distraí, claro, fiquei olhando pra neve e de repente eu vi um silêncio e me assustei, e me virei e todos estavam olhando pra mim e o Jean falou: "Olha, esse olhar nos falta aqui na França, olhar de curiosidade, de admiração, de estar maravilhada com uma coisa que você nunca viu, que lindo, obrigado por esse olhar!". Quer dizer, antes de me chamar a atenção: "Você não tá prestando atenção? Eu tô aqui falando!".

Então era esse acolhimento que eu tinha, né?



PSICANALISTAS QUE FALAM

[00:50:02] E o Félix sempre dizia: "Aqui na França estamos todos engessados, vocês têm o que fazer, têm o que mudar".

E ele gostava do Brasil muito. Gostava, gostava bastante. Principalmente do Nordeste, ele gostava muito. Então esse acolhimento que foi difícil, hoje não, hoje eu tenho esse acolhimento aqui das pessoas.

Quando a Sociedade de Psicanálise me convida pra fazer uma fala num simpósio, ou mesmo pra fazer um estudo de caso, ou agora que a gente está pensando essa questão mais profundamente, eu vejo uma certa admiração das pessoas por mim, um acolhimento, mas... Agora: eu não sei se quando eu ainda... Quando eu ainda era uma estudante e eu ainda queria fazer psicanálise, eu não teria esse acolhimento, eu acho. Não aconteceria. Mas eu acho que eu tive essa sorte, digamos assim, essa sorte de fazer esses encontros.

Eu tô falando muito, tudo bem, Heidi, pode? Continuo falando?

[HEIDI TABACOF] *fala algo incompreensível*

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Bom, então tá bom, vamos lá, eu gosto de contar as histórias.

E escrever essa tese pra mim então foi entender, me entender.

Eu me lembro que você postou um trechinho do meu livro que eu dizia que as crianças negras nunca tiveram passado mítico a que se recordar. E quando eu escrevi isso, pra mim era muito claro que eu tava falando de mim mesma. E de como foi angustiante enquanto criança você entender que você não tava, que você tava fora, né? Essa tensão sempre existiu, mesmo que em casa tivesse carinho e acolhimento, mas eles também viviam muito tensos, eles também são negros, eles também viviam a dor da exclusão. E a luta pra ser incluído, que eu acho que essa é a maior luta que a gente faz, todo o sempre, eu entendi, é de ser incluído. É de ser visto como um outro ser humano.

Porque a gente, com esse histórico que nós temos desde a escravidão, nós não tínhamos nenhum corpo, né? Porque o corpo não nos pertencia. Chegávamos aqui e éramos vendidos.



PSICANALISTAS QUE FALAM

A Lilia, Lília Schwarcz, tem um livro muito lindo em que ela fala sobre isso, sobre a orientação que os senhores de escravos recebiam: "Como comprar um escravo". Então, a partir daquele momento, a gente não era sequer um corpo e acho que historicamente a gente se viu nesse lugar, a vida toda, porque fomos vistos assim também.

Uma vez eu fui pra Recife e fui no mesmo voo que o Zeca [Moura], porque a gente ia falar numa espécie de congresso pra estudantes de psicologia, e eu fui conversando com a Clélia [Prestes], que tava no mesmo táxi, eu, ela e o Zeca. E eu falei pra Clélia... Ela falou: "Seu sobrenome"... Não, ela falou: "Será que eu escrevi direitinho seu nome: Isildinha Baptista Nogueira?". Eu falei pra ela: "Clélia, não tem a menor importância, se escreveu Isildinha já tá bom. *Baptista Nogueira* não tem nenhum sentido, nenhum significado pra mim, esse foi um nome que foi dado por algum senhor provavelmente. Esse nome não fala da minha origem, ou da minha família, não tem nada a ver com a minha genealogia. Ele não diz".

Pra qualquer outro, pra qualquer outra pessoa, o nome tem a ver com a história de família: vieram de tal lugar, faziam tais coisas... Pra mim não, o sobrenome significa muito pouco, ou nada, é só uma coisa que eu coloco no documento.

As crianças negras não têm uma relação sincrônica com a sua história, né? A gente tem uma relação diacrônica. A partir da escravidão. Quem foram os nossos antepassados? A gente fala em antepassados de maneira difusa, a gente não fala em antepassados como quem soubesse de onde veio, de que região veio, que língua falava. E depois, como escravos, já naquele momento pra ser vendidos, quando éramos trazidos da África, éramos colocados em um navio e misturados, como a África é tribal, cada tribo falava uma língua e tinha uma cultura. Então, dessa forma, eles garantiam que os negros chegassem até aqui, porque um não entendia o outro, então eles não fariam nenhum motim, nem se rebelariam. E, muito pelo contrário, teriam dificuldades e preconceito contra o outro, né?

[00:55:15] Então: de que região meus antepassados vieram? Eu não tenho essa notícia. Não sei... E *Baptista Nogueira* é um nome de cristãos novos. Mas quem será que deu esse nome pra gente, né? Nem isso eu sei. Minha vó contava, porque a mãe dela nasceu no Ventre Livre, ela contava muitas histórias pra nós.



PSICANALISTAS QUE FALAM

De como era na fazenda da mãe dele, como eles viviam... Minha bisavó, que eu conheci, mas a gente... Elas não sabiam contar, assim... Essa por parte de pai até sabia o sobrenome dela que tinha a ver com o dono da fazenda etc e tal. Na verdade, esse sobrenome era uma marca: os *Nogueiras* eram de tal fazenda, então se esse fulano é *Nogueira*, ele pertence ao senhor *Nogueira*, né? Não era alguma coisa... Era uma marca, não era algo que designava uma família, uma história...

E acho que esse raciocínio ele ainda prevalece hoje. A gente não sabe. Continuamos sem saber. E nós temos uma...

Eu tava pensando outro dia, Heidi, uma ideia muito louca, porque eu vi uma entrevista da Chimamanda [Ngozi Adichie], ela é muito simpática, bonita, linda, inteligente, né? Gosto das coisas que ela escreve. E ela tava dando uma entrevista no Roda Viva e uma ativista da Bahia perguntou pra ela como é que ela pensava os ancestrais, os cultos aos ancestrais e ela fez: "Olha, eu venho de uma família católica, eu sou católica, né? Não tenho nada a ver com o candomblé, com essas histórias que pra eles são histórias difíceis... [*palavra incompreensível*]".

Eu fiz: "Nossa, a gente sequer pode se identificar com a África hoje". A África mudou, a África ou ela é evangélica ou ela é católica, ela é cristã! E a gente não tem mais nenhuma relação e nem pode se relacionar nesse sentido.

Pra nós, a ancestralidade é a partir do momento em que os escravos chegam, é a diáspora, já é a diáspora.

Essa herança do candomblé foram coisas que os negros trouxeram pra gente, da África e ficou... Mas se você vai hoje pro continente africano, como já tive diversos amigos que foram atrás de entender melhor o candomblé, voltam sem saber nada, porque não tem.

Então nós negros brasileiros temos uma especificidade ainda maior, assim: nós somos originários da diáspora e essa diáspora não tem um continente, eles estavam desterritorializados, digamos assim, fora do território. Era o barco que chegava aqui e daqui vendidos e é a partir deles que começa a nossa história, são eles a nossa ancestralidade.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E eles já chegaram aqui sem nome e sem corpos. E é isso que hoje, ainda hoje, na maior parte das vezes a gente ainda é. Eu acho que nesse momento, que as pessoas estão falando mais sobre a negritude, estão pensando... Que é valiosíssimo pra nós... E ao mesmo tempo, pessoalmente, eu sinto medo, porque é concomitante ao momento em que a gente tá vendo o renascimento da extrema direita de maneira muito forte. E a extrema direita, obviamente, não nos quer em algum lugar. Muito pelo contrário. Eles são racistas, fascistas e creem que é melhor eliminar a diferença do que conviver com a diferença. Curiosamente. Mas eu sinto que verdadeiramente há esse movimento de entender, de ver, de ouvir, de querer falar. Esse outro lado me acolhe, me agrada e me faz pensar que talvez a gente esteja começando a viver de uma outra forma, de uma forma onde a gente possa ter um lugar, um corpo e um nome. E que esse nome possa ser visto de um outro jeito, e não como já foi visto antes, no passado.

[01:00:05] Não sei se eu falei coisa com coisa, mas eu acho que eu contei um pouquinho de mim, né? De como foi essa trajetória, como foi bom ser acolhida na França, que diferença isso fez. O acolhimento faz toda a diferença!

[HEIDI TABACOF] *fala algo incompreensível*

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Né? O acolhimento... Eu sinto que foi o acolhimento que eu tive lá que fez essa diferença. O acolhimento que eu tive aqui com você, com a Suely Rolnik, com a Iray Carone, Kabengele Munanga, com a Miriam Chnaiderman, é com gente que sempre me acolheu, pessoas que sempre... E isso fez toda diferença, né?

Pra quem vive a sensação de não estar, ou de não ser em lugar nenhum, quando a gente é visto no olhar do outro é importantíssimo. A gente se vê sujeito. E mais do que se ver sujeito, sujeito da própria história. Poder...

O que eu tô fazendo aqui, agora, me faz sujeito da própria história. Contar a minha história, contar a minha trajetória ou o que eu fiz, fala da minha escolha, fala da minha vida... Eu pude escolher um caminho e trilhar esse caminho, eu pude fazer esse caminho, porque as pessoas me olharam como sujeito. Me viram como pessoa, me viram como um ser humano.

[HEIDI TABACOF] Muito obrigada.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Eu que agradeço.

[HEIDI TABACOF] Eu que agradeço profundamente.

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Eu que agradeço

[HEIDI TABACOF] *fala algo incompreensível.*

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Eu posso dizer pra você que me estabelecer como analista aqui tem tudo a ver com você, porque aqui eu cheguei da França, eu vivia ainda na minha cabeça aquele *modus operandi* francês.

Então foi com você que eu entendi como é que seria ser analista no Brasil, você, Suely, Miriam... Mulheres fortes, mulheres que me acolheram e que mudou minha vida. Eu hoje posso dizer que sou uma pessoa feliz. Me sinto muito feliz. Do meu jeito, claro, quieta, tranquila, no meu lugar. Mas sim, feliz por ter trilhado esse caminho, por ter feito a minha própria história. Obrigada.

Obrigada, muito obrigada.

[HEIDI TABACOF] Ei, obrigada a você, contou cada história! Obrigada.

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Obrigada a vocês todos, obrigada. Obrigada, viu, Heidi.

Depois vamos ver isso, se...

[HEIDI TABACOF] Muito obrigada.

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Obrigada a você.

[HEIDI TABACOF] E você nem sabia que era associação livre...

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Não! Eu não sabia, eu não sabia. Mas como eu falei pra você: eu me sinto muito confiante na sua presença, assim, como se você fosse uma espécie de mãe, e diante da mãe a gente não tem medo. (risos) A mãe da gente protege a gente de uma certa forma. Você foi minha analista, né? Então me entreguei, me entreguei. Eu falei mesmo o que veio à minha cabeça, talvez eu pudesse ter falado mais teoricamente...

[HEIDI TABACOF] Não, não. Mais teoricamente tem os seus livros. Mas você fala também teoricamente.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Vamos tomar um café?

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] Vamos. Vamos. Acho que eles querem tirar esse microfone daqui...

[HEIDI TABACOF] *E*les querem tirar é ótimo (risos).

[ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA] (rindo) Eu quero também.

FIM



PSICANALISTAS QUE FALAM -

EPISÓDIO #9 - ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

FICHA TÉCNICA

Duração: 65'

Ano de Produção: 2022

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Assistência de direção: Jonas Tabacof Waks

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e som direto: Fernanda Cristiane e Cauê Steinberg

Edição: Fernanda Cristiane

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas Tabacof Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam